

Barros de Flor da Rosa

loja utilitária do Alto Alentejo

Colecção da Associação Social para o Desenvolvimento de Flor da Rosa



A Associação Social para o Desenvolvimento de Flor da Rosa nasce, em 1999, com o objectivo de contribuir para a dinamização cultural e social desta pequena comunidade através da preservação da sua história e tradições.

A exposição que agora se apresenta resulta de uma parte importante do trabalho desta associação, em torno da salvaguarda do património constituído pelos Barros de Flor da Rosa.

Antecipando a abertura do Museu do Barro de Flor da Rosa, instalado num prédio urbano que foi em tempos "casa de oleiro", a mostra que aqui se apresenta reúne um conjunto importante de peças que foram sendo recolhidas pela associação em resultado de doações diversas e algumas aquisições.

A actividade oleira de Flor da Rosa, com referências escritas que remontam, pelo menos, ao século XVII, ocupava, ainda em inícios do século XX, a grande maioria das famílias da povoação. Em 1984 registavam-se nove oleiros residentes na aldeia mas apenas seis se mantinham activos. Em 1988, por iniciativa da Câmara Municipal do Crato foi criada uma Escola de Olaria que deu lugar ao desenvolvimento de vários cursos donde saíram os mestres oleiros que ainda hoje produzem peças utilitárias, mas também decorativas (pintadas) em Flor da Rosa – Rui Eliodoro e Paixão.

A experiência da Escola de Olaria deu lugar à empresa de Inserção “Barros de Flor da Rosa”, no âmbito de um protocolo estabelecido entre o Município e a ADITC - Associação de Desenvolvimento Integrado - Terras do Condestável. Esta empresa, actualmente em actividade, tem como objectivo principal o desenvolvimento e salvaguarda das origens de uma tradição centenária, enriquecendo-a com uma nova vertente de pintura de cerâmica. Desta forma, os “Barros de Flor da Rosa” são fonte de riqueza capaz de traduzir a tradição, os saberes e a cultura de um povo, executado por novas gerações de oleiros.

As alterações ao modo de vida das populações ditaram o gradual decréscimo da utilização e consequentemente da procura dos recipientes de barro que outrora constituíam o vasilhame e os utensílios de cozinha básicos. Em face desta realidade cumpre, no presente, preservar a memória colectiva e os saberes tradicionais reflectindo sobre a sua relevância histórica e cultural e abordando os problemas que se colocam à sobrevivência destas práticas agora já nos domínios do artesanato.

A PRODUÇÃO OLEIRA

A aldeia de Flor da Rosa foi um dos mais importantes centros oleiros de produção de loiça utilitária do Alto Alentejo, que englobava uma grande variedade de modelos destinados aos mais diversos fins e utilizações.

Falamos de um tipo de loiça que obedecia a determinadas regras de execução que lhe conferiam características específicas de duração, porosidade ou resistência ao fogo, respondendo às necessidades e desejos dos seus utilizadores.

Com efeito a loiça de Flor da Rosa era considerada, pelos seus compradores, produto de grande qualidade e isto devia-se quer às características das pastas utilizadas, quer aos processos de fabrico e de fixação das propriedades destas pastas.

As argilas utilizadas em Flor da Rosa e que dão o nome ao seu produto – os Barros de Flor da Rosa – são resultantes da decomposição de solos graníticos e dividem-se em três grandes tipos: barro branco, barro amarelo e pó de mistura. Análises laboratoriais realizadas sobre amostras recolhidas no local permitiram determinar algumas características das argilas utilizadas, a saber:

- . O barro branco é composto sobretudo por montmorilonite, apresentando ainda pequenas quantidades de caulinite e ilite. Daqui resulta uma pasta de composição muito homogénea e de elevada resistência ao fogo.

- . O barro amarelo é composto sobretudo por caulinite tendo ainda uma apreciável quantidade de montmorilonite e contendo mais areia o que lhe confere maior porosidade.

- . O pó de mistura é constituído fundamentalmente por caulinite e apresenta-se efectivamente sob forma de um pó.

A partir da sábia mistura e doseamento dos diversos tipos de argila os oleiros preparavam barros de grande qualidade, combinando-os consoante o fim a que se destinam as peças a fabricar.

A primeira grande divisão que se considera na loiça de Flor da Rosa é entre a loiça de água (geralmente recipientes em tosco destinados a transportar e armazenar água ou outros líquidos) e a loiça de fogo (loiça geralmente vidrada e que se destina a ir ao lume). Pelas características atrás indicadas facilmente se deduz a predominância de uma ou outra argila no fabrico das várias peças.

Assim, na loiça de água utiliza-se quase só barro amarelo, uma vez que a sua maior porosidade contribui para conservar a frescura da água, ao mesmo tempo que não se lhe exige grande resistência ao fogo. Assim a percentagem de barro branco que se adiciona a esta pasta destina-se essencialmente a assegurar a resistência da peça durante a cozedura.

Na loiça de fogo a predominância vai para o barro branco, embora se encontre também uma boa percentagem de barro amarelo que se destina a facilitar a evaporação da água livre (na secagem) e combinada (na cozedura), evitando assim grandes reduções ou mesmo fracturas nas peças durante o processo de cozedura no forno.

O pó de mistura tem uma utilização mais específica, sendo adicionado à pasta aquando do pisar do barro, e para além de facilitar a evaporação, destina-se sobretudo a compensar a excessiva gordura do barro branco e a facilitar a homogeneização da pasta.

Era na área da Flor da Rosa que os oleiros encontravam os locais de extracção das argilas que utilizavam. Esses locais foram variando ao longo do tempo e ainda nos anos 80 do século XX se identificavam alguns deles nomeadamente o Monte da Tapada, a Curceira ou a Herdade de S. Miguel, entre outros.